



**COMO ME INSPIRO EM TUA POESIA!  
ANNA COMNENA E A UTILIZAÇÃO DA POESIA CLÁSSICA EM SEUS RELATOS  
HISTÓRICOS.  
UMA ANÁLISE DA CULTURA BIZANTINA A PARTIR D'A ALEXÍADA  
(SÉCULO XII).**

Rafael Bassi<sup>79</sup>

**Resumo:** Anna Comnena foi a autora de uma obra de História durante a Idade Média no Império Bizantino, denominada *A Alexiada*. Escreveu sobre a dinastia de seu pai, Aleixo I Comneno, que durante seu reinado passou por diversos conflitos contra invasores, inclusive o ataque dos muçulmanos, que resultou no movimento que compreendemos como Primeira Cruzada. Na análise do trabalho de Anna Comnena enquanto historiadora percebemos sua composição consciente, haja vista sua afirmação enquanto mulher de sabedoria. Leitora voraz dos clássicos greco-romanos, Anna soube se utilizar largamente dessa influência recebida da Antiguidade, a qual o Império Bizantino sempre se considerou herdeiro legítimo. Nosso trabalho analisa a obra de Anna Comnena a partir do pressuposto de que, com a leitura da obra *Poética*, de Aristóteles, seu texto traz passagens de poemas clássicos para ora enaltecer as virtudes de alguns participantes do período que relata, ora para deturpar a imagem de outros, a partir da concepção aristotélica já enunciada.

**Palavras-chave:** Anna Comnena; Aristóteles; historiografia medieval.

**Abstract:** Anna Komnena was the author of a History work during the Middle Ages in the Byzantine Empire named *The Alexiad*. She wrote about her father's dynasty, Alexios I Komnenos, whose reign went through many conflicts against invading forces, including the muslim attack which resulted in what we understand as the First Crusade. On analyzing Anna Komnena's work as historian, we manage to see her conscious composition, considering her

---

<sup>79</sup> Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-graduado em História Cultural pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestrando em História Medieval pela UFRGS.

affirmation as a woman of wisdom. Avid reader of classics, Anna knew how to best utilize this Classic Antiquity influence, of which the Byzantine Empire has always considered its rightful heir. Our article analyzes Anna Komnena's work from the assumption that, on reading Aristotle's *Poetics*, her text evokes excerpts from classic poems to, sometimes praise the virtues of some of those featured on her account or to decry others.

**Keywords:** Anna Komnena; Aristotle; medieval historiography.

### Prolegômenos

Há alguns anos atrás apresentei um trabalho na Universidade de São Paulo, apontando algumas questões comerciais entre os bizantinos e o habitantes da Península Itálica. Nesse trabalho, relia *A Alexiada* nos primeiros relatos sobre a Primeira Cruzada. Indagou-se, após a escrita deste pequeno trabalho, a forma como Anna Comnena, autora do relato, comentava sobre os participantes do conflito, como ela construía a imagem que os bizantinos tinham desses homens que vinham do Ocidente.

Essa questão era interessantíssima, haja vista sua preocupação com a isenção que o trabalho de escrita de História deveria trazer consigo próprio. Era esse princípio de comentar as coisas como foram, adornar os inimigos com sublimes vestes e os amigos com trajes pífios, quando assim a situação exigisse. Esse pressuposto era tão forte nas obras medievais – e principalmente na fonte na qual me debruçava – que, como se pode perceber pelas referências citadas, acabou gerando uma série de trabalhos publicados e apresentados<sup>80</sup>.

Dessa maneira temos alguns dos pressupostos básicos de todo um conjunto historiográfico medieval –e principalmente bizantino –, que mostra o trabalho do historiador como algo que deva ser idôneo, que deve ser desprovido de quaisquer intencionalidades na hora da composição histórica. Isso seria o que costume humildemente nominar como o pressuposto-base do historiador até a sua institucionalização e sua reformulação no século XX. Anna Comnena afirmava a necessidade de seu trabalho ser incólume, não conter nenhum apontamento que não fosse verdadeiro, que não fosse histórico.

A minha ideia central ao discutir esse propósito, foi analisar a obra em consonância com suas influências para a escrita. Parti do pressuposto lógico aristotélico de que se Anna afirma ao

---

<sup>80</sup> BASSI, Rafael José. Eu, filho da púrpura. Porfirogenia Bizantina no Panorama Cultural dos séculos X a XII: Algumas considerações sobre Constantino VII Porfirogênito e Anna Comnena. No prelo; BASSI, Rafael José. De vossas fontes bebi: A presença do pensamento de Heródoto, Tucídides e Políbio na concepção de História d'A Alexiada de Anna Comnena (Séculos XI e XII). In: Atas da VII Semana de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: PEM – UFRJ, 2008, pp. 155-162.

longo de sua obra que leu Aristóteles, leu, pois, a Poética e disso abstraiu seus ensinamentos, a fim de retomá-los posteriormente. Isso foi feito ao longo de toda a obra e, mais precisamente, no momento da relato sobre o movimento da Primeira Cruzada. Em sua obra Anna utiliza largamente de citações e referências a Homero (e sua maioria) e a outros poetas clássicos. Isso me faz perguntar: há uma utilização consciente na escrita da obra, dos conceitos aristotélicos? Anna utiliza as comédias para denegrir a imagem que constrói dos inimigos de seu pai, e conseqüentemente, do próprio Império? Se usa a comédia, também usa a tragédia para enaltecer os guerreiros e ideais bizantinos? Inicialmente, proponho que sim!

### **Conflitos com o Império**

Os conflitos passados pelo Império Romano do Oriente com o Ocidente medieval podem muito bem explicar os motivos para uma desconfiança por parte dos bizantinos em relação aos latinos. E esses conflitos foram parte de uma história que perpassou todo o século X, XI e XII. Assim sendo, é necessário que façamos um breve relato, que por mais breve que seja, pode muito bem nos dar uma pequena visão sobre o período e a sua *diplomacia*<sup>81</sup>.

Como nos demonstra Franz Maier em seu livro *Bizancio*, mesmo sendo positiva a situação do poder durante o reinado de Aleixo, justamente por causa desta grande influência e suporte familiar, as questões referentes à política exterior do império eram “catastróficas”<sup>82</sup>. Um dos fatores que contribuíram para que o império encontrasse-se dessa forma foram as diversas disputas pelo trono, que acabaram por causar vários distúrbios sociais, resultando em enfrentamentos civis. Com isso, vários rivais do poder bizantino dominaram diversas regiões, como os seljúcidas, que tomaram a Ásia Menor; os pechenegos, ao sul do Danúbio; e os normandos, na região de Epiro com a intenção de apoderar-se da coroa imperial bizantina. Aleixo parte, primeiramente, para a luta contra os normandos.

Conforme se configurava o contexto do império diante destes acontecimentos, Aleixo se viu obrigado a dirigir-se contra os normandos. Já que, conforme havia feito com os pechenegos em período anterior ao embate com os normandos, entregou os territórios invadidos pelos seljúcidas, para que aqueles tomassem posse e se estabelecessem no local. A ideia de Aleixo era de manter intactas as retaguardas, já que manteria a supremacia nesses territórios com a acolhida que o império daria aos invasores. Como demonstra Maier, com os normandos não se poderia haver nenhum tipo de negociação. Para conseguir meios de suprir as necessidades

---

<sup>81</sup> Sobre essas relações entre os bizantinos e os normandos, ver: GALLINA, Mario. La *precrociata* di Roberto il Guiscardo: un'ambigua definizione. In: Porfira, n. 5, 2005; também MOLA, Alessandro. Anna Comnena, lo stato degli studi. Porfira, n. 5, 2005.

<sup>82</sup> MAIER, Franz Georg. *Bizancio*. Historia Universal Siglo XXI. Buenos Aires, Córdoba: Siglo XXI Argentina, S. A., 1974.

confiscou diversos bens da igreja e também os adornos de ouro e prata dos ícones; já que foi uma das instituições sociais que havia ajudado Aleixo a subir ao poder, conseguiu com que o Sínodo aceitasse essa medida. A isso resultou naquilo que Maier explicita como um semblante das velhas crises iconoclastas de tempos anteriores dentro do Império bizantino<sup>83</sup>. Mas também agiu Aleixo pelas vias diplomáticas. Conforme relata Anna Comnena, o imperador, notando que, afora todas as dificuldades que já enfrentava, muitos dos habitantes de Durazzo penderam para o lado de Roberto, crendo que o imperador era Miguel, pediu auxílio aos turcos do oriente, comunicando esse pedido ao sultão.

Tentou acordos também com os venezianos, fazendo-lhes promessas de concessões e oferecimentos de alguns benefícios, acaso fossem até Durazzo com toda a frota e lutassem contra os normandos em nome do império. A fonte nos mostra que a proposta de Aleixo era calcada na obediência da frota às instruções do imperador; sendo, pois, que, assim agindo, lhes era garantida a recompensa inicial, mesmo que o resultado da batalha fosse a derrota. Ao fim das explanações de recompensas, estavam dispostos a conceder aquilo que os venezianos desejavam, caso isso não fosse inconveniente ao “império dos romanos”, como salienta a autora da fonte.

### **Por uma problemática**

Este trabalho tem sua origem em uma dúvida que tive durante o meu período de graduação. Pensava naquele momento sobre a historiografia bizantina nos séculos X e XI, a partir do livro *A Alexiada*, da princesa Anna Comnena. Esta autora deveria ser, em meus pensamentos, o objeto de várias pesquisas. Ela foi um princesa, filha do basileus (imperador) bizantino Aleixo I Comneno, porfirogêntita<sup>84</sup>, que após a morte de seu marido, viu o trono que

---

<sup>83</sup> A crise iconoclasta pode ser considerada, brevemente, como um movimento político-religioso contra a veneração das imagens sacras dentro do Império Bizantino. Este movimento perdurou entre os séculos VIII e IX. Para uma melhor análise, citamos estas duas obras de referência: KNOWLES, David; BOLENSKY, Dimitri. *A Igreja Bizantina*. In: *Nova história da Igreja*. Vol. II. A Idade Média. Tradução de João Fagundes Hanck. Petrópolis: Vozes, 1974. pp. 89-113. e LEMERLE, PAUL. *História de Bizâncio*. Tradução de Marilene Pinto Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Universidade Hoje). 121 p.

<sup>84</sup> A *porfirogenia* era a designação dada aos filhos dos imperadores bizantinos que nasciam enquanto seus pais estivessem no poder – nascimento este ocorrido dentro da Sala Púrpura, daí o nome de porfirogênito. Foi o caso de Anna Comnena, nascida nesta sala do Palácio Imperial e, portanto, herdeira de toda a dinastia que estava por se estabelecer. A própria Anna Comnena relatava seu nascimento anos mais tarde, que aconteceu após o retorno de imperador de uma das batalhas contra alguns invasores: *O imperador retornou vencedor e triunfante à capital, em companhia dos latinos do conde Briênio, que por própria iniciativa havia passado para seu bando, como dissemos anteriormente; era um de dezembro da sétima indicação [1083]. Ali se encontrou com a imperatriz na estância destinada desde antigamente às soberanas que estão a ponto de dar à luz, a qual nossos antepassados deram o nome de pórfira, razão pela qual a denominação de porfirogênito se estendeu por todo o mundo fazendo referência aos ali nascidos. À Alba (era sábado) deu à luz a uma menina que apresentava total aparência, segundo se dizia, com seu pai. Era menina era eu.* (Anna Comn. Alex. Liv. VI, cap. VIII, 1)

lhe era destinado parar nas mãos do seu irmão, João Comneno. Sua vida fora repleta de frustrações devido a esta perda de poder e amontoada de adversidades na tentativa de retomá-lo a qualquer custo<sup>85</sup>. Ela era, portanto, a meu ver, um personagem interessantíssimo de análise.

Detive-me na pesquisa a partir das minhas ideias para a concepção de História, a fim de dar cabo à escrita de meu trabalho monográfico. Após a leitura de seu prólogo, a base de minha análise para a historiografia naquele livro, deparei-me com uma citação interessante desta historiadora da Idade Média:

não só não sou inculta em letras, como inclusive estudei a cultura grega intensamente, que não desatendo a retórica, assimilei as disciplinas aristotélicas e os diálogos de Platão e madurei o *quadrivium* das ciências (devo revelar que possuo estes conhecimentos – e não é jactância o feito – todos os quais me foram concedidos pela natureza e pelo estudo das ciências, que Deus desde o alto me presenteou e as circunstâncias me aportaram). (*Anna Comn. Alex. Proêmio, cap. I, 2*).

Para mim, a análise era de que uma mulher não só culta, mas sábia, assumia a função de historiar sobre os acontecimentos de sua sociedade. Sociedade essa que ela vivenciava de uma posição privilegiada, próxima ao poder central e suas principais personagens; dentro do âmbito palaciano. Para tanto, ela usava todas as suas influências a fim de poder se legitimar à função de historiadora, em uma sociedade em que isso não era usual. E para essa legitimação, ela utiliza-se de toda a cultura clássica, principalmente, para demonstra que sua educação era voltada para a leitura destas obras. Nesse momento, pensei sobre a questão da influência das obras clássicas sobre a cultura bizantina durante todo o período desse Império Romano do Oriente. Buscando a ideia que já havia sido exposta pelo professor José Marín, no seu estudo sobre a cultura bizantina, percebi a influência de três fatores no mundo bizantino: a cultura grega, a cultura romana e o cristianismo<sup>86</sup>. Dessa forma, naquele momento me pareceu uma análise muito bem embasada.

Dessa forma, concluí minha graduação com o estudo intitulado: *Esquecer os favoritismos e os ódios. Um estudo sobre a historiografia bizantina nos séculos XI e XII a partir da análise d'A Alexiada, de Anna Comnena*<sup>87</sup>. Mas em momento nenhum esqueci-me de um dos grandes feitos da obra dessa historiadora, motivo pelo qual ela é comumente lembrada nas

---

<sup>85</sup> Cito, por exemplo, a tentativa de retomada do poder a partir da organização, junto com sua mãe, de uma emboscada para assassinar o seu próprio irmão.

<sup>86</sup> Para uma boa análise sobre o ambiente cultural bizantino a partir do estudo da obra de Anna Comnena, indico: RIVEROS, José Marín. *Ana Comneno en el Panorama de la Cultura Bizantina*. In.: Byzantion Nea Hellás. Nº 23, 2004. pp. 85-118.

<sup>87</sup> BASSI, Rafael José. *Esquecer os favoritismos e os ódios. Um estudo sobre a historiografia bizantina nos séculos XI e XII a partir da análise d'A Alexiada, de Anna Comnena*. In.: [http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2\\_sem\\_2009/rafael\\_jose\\_bassi.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2_sem_2009/rafael_jose_bassi.pdf) acesso em 5/6/2012.

obras sobre o Império Bizantino e até mesmo sobre a Idade Média: ela era o único relato histórico bizantino que temos notícia sobre o movimento da Primeira Cruzada, o qual ela pode presenciar de tão privilegiada posição.

Em realidade, fora seu próprio pai, Aleixo I Comneno, que enviara uma carta ao papa Urbano II, pedindo o auxílio de alguns nobres para a organização de seu exército nas fronteiras em uma luta contra os inimigos dos cristãos que estavam em posse da Terra Santa. Dessa feita, seu pai teve participação ativa nesse primeiro movimento. O relato de Anna é o único que temos notícia sobre essa chegada, escrito em Bizâncio, logo após o primeiros momentos desses ataques, com um olhar bizantino. Dessa forma, podemos dizer, ao analisar sua obra que constitui-se em “uma história da Primeira Cruzada” ou “as Cruzadas vistas pelos bizantinos”<sup>88</sup>.

### **Uma análise possível?**

A partir dessas informações que tinha, comecei a pensar em uma ideia que relacionava ambas análises que já tinha feito. Como ela demonstra em seu prólogo, ela leu constantemente as obras clássicas. O que me levou à conclusão de que ela leu Aristóteles – inclusive ela própria explicita em seus escritos –, e lendo a obra desse filósofo ateniense, deve ter atentado para as suas considerações acerca d'*A Poética*. Assim sendo, pressuponho que ela conhecesse a diferenciação feita pelo filósofo acerca das imitações e de como ele pensava ser a comédia a representante de homens e ventos que se tornariam inferiores aos olhos dos demais, enquanto que a tragédia, pelo contrário, exaltaria os grandes homens e suas ações. Pensando nisso, transcrevo os seguintes pressupostos da obra de Aristóteles abaixo:

---

<sup>88</sup> Este tema já foi abordado em eventos, os quais cito: BASSI, R. J. As relações entre romaios e venezianos quando do ataque normando ao Império Bizantino (século XI), a partir d'A Alexiada, de Anna Comnena, in.:

<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Rafael%20Jose%20Bassi.pdf>, texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008, Cd-Rom. Atento para a ideia de construção de uma imagem que demonstra os latinos como usurpadores, que tentam não apenas a retomada dos “lugares santos”, mas também o próprio território do Império, como a própria Anna demonstra nesse excerto de seu relato: Também o conde Godofredo fez a travessia nesse momento com outros condes e um exército de dez mil cavalos e sessenta mil infantes e, uma vez na capital, situou suas tropas pelo lado de Propóntide em um terreno que se estendia desde o poente, situado perto do Cosmidio, até são Focas. Ainda que o imperador o exortasse para que cruzasse o estreito de Propóntide, o conde atrasava o passo dia após dia, com desculpas atrás de desculpas. Em uma palavra, aguardava a chegada de Boemundo e dos demais condes. Efetivamente, enquanto Pedro aceitara desde o começo fazer o longo caminho com a finalidade de adorar o Santo Sepulcro, Boemundo, mais que os outros condes, guardava um velho rancor ao imperador e buscava uma oportunidade para vingar-se daquela brilhante vitória que havia tido em Larisa; como os condes estavam de acordo e sonhavam em apoderar-se da capital, concordaram em levar adiante o mesmo plano (isto mencionamos em repetidas ocasiões anteriormente) que consistia em seguir aparentemente o caminho que conduzia a Jerusalém, quando em realidade o que queria era arrebatar do soberano o trono e tomar a cidade. (*Anna Comn. Alex. Liv. X, cap. IX, 1*).

Que fique assim, então, estabelecidos as distinções (...) por se servir ora de uns, ora de outros” (p. 38).

A mesma diferença [imitação] se encontra na tragédia e na comédia; esta procura imitar os homens inferiores ao que realmente são, e aquela, superiores” (p. 39).

A comédia, como dissemos, é imitação de gentes inferiores; mas não em relação a todo tipo de vícios e sim quanto à parte em que o cômico é grotesco” (. 42).

A tragédia é a representação de uma ação elevada, de algum extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que despertando a piedade e temos, tem resultado a catarse dessas emoções” (p. 43)<sup>89</sup>.

Dessa forma, pude embasar a minha ideia de que, se Anna Comnena leu a obra de Aristóteles, como ela mesmo confirma, então deve ter entrado em contato com as bases da análise poética prestadas pelo pensador. Isso me fazia pensar em como ela poderia se utilizar, então, disso que ela conhecia.

Começou-se, pois, com um trabalho de levantamento das citações clássicas, explícitas, dentro do relato histórico d’*A Alexiada*. O resultado foi que ela se utilizou muito mais das obras de Homero, das tragédias, do que das comédias. Entretanto, estas também apareciam em seu relato. Pronto: já havia um início. Ela relatava ambos estilos, o que já me demonstrava que a base da análise estava preparada. Questionei, pois, se a ideia dela ter usado o pressuposto de Aristóteles para sua utilização. A partir deste questionamento, fui à análise de dois exemplos, os quais se seguem.

Logo no prólogo da obra de Anna Comnena, encontramos um excerto em que a autora cita, em meia às suas lamentações pela morte do Imperador, Homero:

“Pois sou consciente de que me aparto do meu propósito e, ao dominar-me a recordação do César e do sofrimento do César, um imenso sofrimento se destila em mim. Assim pois, depois de enxugar o pranto de meus olhos e me recuperar da dor, suportarei o que vem a continuação ganhando segundo diz a tragédia [Eurípides], duplas lágrimas, como se me recordasse da desgraça na própria desgraça. Pois expor ao público a vida de semelhante imperador supõe

---

<sup>89</sup> Os excertos utilizados para este estudo estão presentes na obra a frente citada, com as páginas relatadas no próprio corpo do texto: ARISTÓTELES. *A Poética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1979.



rememorar sua virtude e seus feitos, o que me faz brotar as mais cálidas lágrimas em um pranto que se une a todo o universo” (*Anna Comn. Alex. Proémio, cap. IV, 3*).

E justamente no momento em que Anna ressalta os motivos pelos quais ela se pôs a historiar sobre os feitos de seu pai, ela traz para a narrativa uma menção sentimental, que lhe acomete no momento da escrita. Ao longo desse momento no prólogo, ela ressalta como o Imperador Aleixo era dotado de virtudes inigualáveis, cheio de características salutares, que, graças a estas, merecia a escrita de um livro que lhe ressalta-se seus mais belos exemplos. Isso também se constitui na base da historiografia bizantina durante quase toda a Idade Média.

Mas a análise que se torna possível, é que nesse momento de tristeza, como diz Anna, é um sofrimento o fazer histórico sobre esse Imperador. Sofrimento esse que se une ao pranto do mundo todo, afinal a figura de Aleixo é respeitada para tanto. E é nesse momento que temos Anna assumindo o caráter de historiadora, pois sabe que deve escrever a história repleta de tantos bons atos, ainda que seu sentimento seja repleto de duplas lágrimas – como diz Eurípedes – pois escrever esse livro de histórias ela tem que viver o momento de tristeza, recordando-se dos fatos ainda em meio aos fatos. Isso se mostra plausível, pois afinal de contas as recordações que Anna tem de fazer são as recordações de sua própria vida, das relações familiares que vivera junto ao Imperador, à Imperatriz e a toda a família e o âmbito imperial.

Anna Comnena, pois, utiliza-se de uma referencia feita ao poema de Eurípedes, para ressaltar a tristeza que causa a falta e a recordação de tão majestoso Imperador. Assim é seu relato, repleto de menções a tragédias clássicas, sempre tangendo os personagens bizantinos que ela gostaria de exaltar. O exemplo máximo dessa exaltação é a própria figura de seu pai, Aleixo, que não somente no corpo do texto, mas também no próprio título, aparece com o destaque heroico de uma epopeia, o que se faz presente na caracterização: *Alexiada*.

Entretanto, em quais circunstâncias aparecem as representações das comédias clássicas? Esse foi o questionamento que se sucedeu. Logo em seguida ao prólogo, quando Anna Comnena está apresentando um relato sobre seu pai ainda como servidor militar do Império, aparece o relato que se segue:

“Enquanto Basilacio gritava estes insultos, buscava e revolvia todas as coisas, cofre, divãs, equipamentos e até a própria cama de meu pai (...) simultaneamente, olhava o monge chamado Yoancio. (...) Basilacio buscava entre todos os objetos da tenda e, segundo palavras de Aristófanes, enquanto esquadrihava as trevas do Erebo, não deixava de interrogar a Yoancio sobre o doméstico; mas o monge sustentava com firmeza que ele havia saído antes com todo o exército. Quando reconheceu que era vítima de um enorme erro, se



retratou de suas intenções e mudando de um tom de voz a outro, gritava: ‘soldados e companheiros, fomos enganados: o combate se desenvolverá fora deste lugar’”. (*Anna Comn. Alex. Liv. I, cap. VIII, 1-2*).

Neste momento do texto, a figura de Basilácio aparece como oponente de seu pai. A cena é filmica. Basilacio entra na tenda de Aleixo, remexe todas as coisas, questiona ao clérigo que lá está onde se encontra o comandante Aleixo. Mesmo com a insistência da afirmação que Aleixo não sei encontra, Basilacio não aceita tal reconhecimento. E, segundo Anna, a cena parecia lembra-la da obra de Aristófanes, *Nubes*. Portanto, seria essa uma cena hilária para Anna? Talvez a cena não fosse desprovida de razões, pois afinal estavam se enfrentando por motivos os quais não têm tamanha importância para esta análise especificamente. Mas o que é salutar é que Anna Comnena utiliza-se de uma citação à comédia com o intuito de mostrar um inimigo de seu pai em momentos risíveis. Afinal de contas ele chega a remexer as coisas da tenda, pois não aceita o fato de que Aleixo não está dentro dela, se escondendo, como assim ele o imaginava.

O relato aparenta uma imagem de um Basilacio que se apresenta inconstante, alguém sem o preparo necessário para a guerra, que seria travada contra seu pai. Assim, a figura dele denota características que podem mostrar um despreparo por parte deste, o que o diferencia enormemente da grandeza das características que possui Aleixo. Este não está escondido, conforme pensava Basilacio, em sua tenda, mas está sim junto ao exército, como afirmava Yoancio, o monge, que relutava contra as acusações do invasor. O texto traz uma situação limite para um comandante como Basilacio, pois tem que reconhecer o erro, o que faz, como a próprio Anna demonstra, alterando o tom da voz e esbravejando: “soldados e companheiros, fomos enganados: o combate se desenvolverá fora deste lugar”. Era a aceitação e o reconhecimento da superioridade de Aleixo, pois eles foram enganados, segundos as próprias palavras de Basilacio, postas em texto por Anna Comnena. As linhas que se seguem, demonstram o término do conflito, quando Aleixo derrota Basilacio e recebe reconhecimento por este feito por parte do Império.

#### **Algumas considerações de análise.**

Anna Comnena tem um propósito ao escrever sua obra. Enaltecer a imagem do pai, e dos bizantinos, e desmerecer os feitos dos seus inimigos. Isso se mostra claro pela utilização que ela faz das citações dos poemas clássicos. Utiliza-se muito mais as tragédias do que as comédias, portanto, há um enaltecimento ao longo de todo o relato dos heróis bizantinos, dos quais o seu pai desponta como o maior.

É óbvio que devemos ter uma certa crítica, pois se um dos pressupostos desta historiografia, que advém também da influência clássica, é o relatar das coisas como eles próprios as viram, ou como escutaram de pessoas que estavam nos eventos e que merecem confiança<sup>90</sup>, suas fontes eram sempre pessoas próximas a ela. Isso posto, é mais fácil para Anna colocar as palavras nas falas dos inimigos, como no caso de Basilacio, quando reconhece que fora enganado. Isso é ainda mais demonstrável pelo simples fato de Anna Comnena ter nascido após esse evento, o qual deve ter chegado a seu conhecimento graças ao seu pai, ou à sua própria família, que relatava e enaltecia muito mais a vitória de Aleixo, do que a derrota de Basilacio.

Mas não devemos ignorar o relato de Anna Comnena, desmerecendo-o como tendencioso. Os autores, no cotejo que fazem com outras fontes, demonstram que Anna tem um relato que é válido, pois aponta eventos que foram grandiosos e também enaltece pessoas que foram dignas desse enaltecimento pelas suas decisões. Claro fica após a leitura que não é uma autora incólume como ela mesma previa, mas tem um merecimento grandioso pela característica de ser uma mulher, na Idade Média em que elas não eram valorizadas, que soube aproveitar todo o acesso que o ambiente palaciano lhe propiciava para travar contato com as obras clássicas da Antiguidade grega e romana, além dos textos bizantinos, presentes na biblioteca do palácio. Isso lhe deu a base para que pudesse compor um quadro historiográfico baseado nessa cultura, o que lhe propiciou pressupostos para afirmar-se enquanto historiadora. E, por fim, deu-lhe conhecimento para até mesmo compor um método narrativo em que utilizava a poesia clássica para construir a imagem dos personagens de sua obra, essa epopeia que é *A Alexíada*.

## Referências Bibliográficas

### Documentos:

ARISTÓTELES. *A Poética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1979.

COMNENO, Ana. *La Alexíada*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 1989.

### Estudos:

---

<sup>90</sup> Anna Comnena ressalta em seu prólogo: “E no tocante a mim, a estes e aqueles, aos que desagradamos e aos que nos aceitam, poderia tranquilizá-los fundamentada nas obras mesmas e nos que as viram por seu testemunho a favor da veracidade dessas ações. Pois os pais e os avós dos homens que vivem agora foram testemunhos destes feitos”. (*Anna Comn. Alex. Proêmio, cap. II, 3*)

BASSI, R. J. As relações entre romaios e venezianos quando do ataque normando ao Império Bizantino (século XI), a partir d'A Alexiada, de Anna Comnena, in.: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Rafael%20Jose%20Bassi.pdf>

BASSI, Rafael José. “De vossas fontes bebi: A presença do pensamento de Heródoto, Tucídides e Políbio na concepção de História d’A Alexiada de Anna Comnena (Séculos XI e XII)”. In: *Atas da VII Semana de Estudos Medievais*. Rio de Janeiro: PEM – UFRJ, 2008.

BASSI, Rafael José. *Esquecer os favoritismos e os ódios. Um estudo sobre a historiografia bizantina nos séculos XI e XII a partir da análise d’A Alexiada, de Anna Comnena*. In.: [http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2\\_sem\\_2009/rafael\\_jose\\_bassi.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2_sem_2009/rafael_jose_bassi.pdf)

BUCKLER, Georgina. *Anna Comnena. A Study*. London: Oxford University Press, 1968.

CAVALLO, Guglielmo (org.). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Presença, 1998.

ECO, Umberto. *Os limites da Interpretação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GALLINA, Mario. “La ‘precrociata’ di Roberto il Guiscardo: un’ambigua definizione”. In: *Porfira*, n. 5, 2005.

GALLINA, Mario. La ‘precrociata’ di Roberto il Guiscardo: un’ambigua definizione. In: *Porfira*, n. 5, 2005.

LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEMERLE, Paul. *Historie de Byzance*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

MAIER, Franz Georg. *Bizancio*. Historia Universal Siglo XXI. Buenos Aires, Córdoba: Siglo XXI Argentina, S. A., 1974.

MOLA, Alessandro. “Anna Comnena, lo stato degli studi”. *Porfira*, n. 5, 2005.

MOLA, Alessandro. Anna Comnena, lo stato degli studi. *Porfira*, n. 5, 2005.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média*. Textos e Testemunhos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

RAVEGNANI, Elisabetta. *Anna Comnena principessa di Bisanzio*. In: *Porphyra*. n. 5. 2005. pp. 8-17.

RIVEROS, José Marin. “Ana Comneno en el Panorama de la Cultura Bizantina”. In: *Byzantion Nea Hellás*, n. 23. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, 2004.

ROLANDO, Emilio Díaz. Estudio Preliminar. In: COMNENO, Ana. *La Alexiada*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 1989.

RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.

RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas: a Primeira Cruzada e o Reino de Jerusalém* (vol. I). Rio de Janeiro: Imago, 2003.

VRYONIS, Speros. *Bizâncio e Europa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1980. Bauru, SP: Edusc, 2006. 2 vol.

WALTER, Gérard. *A vida quotidiana em Bizâncio no século dos Comnenos (1081-1180)*. Lisboa: Edição “livros do Brasil”, s/d.